

## EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

### II – EVANGELHO DA INFÂNCIA

Os dois primeiros capítulos de Mateus, assim como os de Lucas, são conhecidos como o Evangelho da Infância. Seguramente os dois textos não se cruzaram, do contrário um teria preenchido as lacunas do outro. Cada um dos evangelistas buscou trabalhar a narração da infância de Jesus de uma perspectiva diferente.

#### **GENEALOGIA DE JESUS (1,1-17)**

- A genealogia, muito em voga entre os judeus, é um documento sabidamente abreviado, sintético. O livro do Gênesis tem várias: Caim (Gn 4,17-18); Set (Gn 5,1-32); Noé (Gn 10,1-29); Sem (Gn 11,10-30) e assim por diante. A genealogia visa localizar determinadas pessoas na história da salvação. Não é tanto um documento histórico ou fotográfico da realidade. Existem saltos, vazios, sempre se levando em conta o pensamento subjacente e o significado dos números. Apenas como exemplo, é de se notar que, na genealogia de Lucas (Lc 3,23-38), existem onze grupos e em cada um, sete nomes. Total: 77. Todos sabem da importância dada, pelos judeus, ao número 7.
- Lucas adota uma genealogia “ascendente”: parte de Jesus e vai até Adão (Lc 3,23-38). Seu interesse é colocar o antigo (Adão do Éden) e o novo Adão (Cristo Jesus), nos dois extremos da lista. Ambos se originaram misteriosamente das mãos de Deus. Com isso, Lucas inclui a **humanidade toda** e não apenas os judeus na história da salvação. Assim, em Cristo, ele se torna uma espécie de pai para todos os povos.
- Mateus, ao contrário de Lucas, tem uma genealogia “descendente”: parte de Abraão, pai dos que creem, e chega até Jesus (Mt 1,1-17). Mostra-se o vínculo entre Abraão, Davi, Jesus. Sua genealogia destaca a realeza de Jesus. Além de Davi, vários reis são citados.
- A genealogia não esconde fraquezas, limitações, pecados. Significativamente são recordadas três mulheres: Tamar (Mt 1,3), Raab (Mt 1,5) e Betsabéia (Mt 1,6), todas marcadas com o estigma da condenação. Tamar, por se fazer passar de prostituta (Gn 38,1-26), Raab, por ser mesmo prostituta (Js 2,1ss); Betsabéia pelo adultério (2Sm 11,1ss). A esse grupo é de se acrescentar a estrangeira Rute que, não obstante pertencer a um povo (Amonitas) odiado pelos judeus, colaborou com a história da salvação (Livro de Rute).
- O Evangelista escolhe dois algarismos venerados pelos judeus: o 3 e o 7; o primeiro está ligado à divindade e o último é sinal de perfeição, de plenitude. No v. 17 fica claro que a genealogia está dividida em três grupos, e em cada uma são colocadas 14 gerações (2 x 7 = 14). Então, aparecem os dois algarismos: o 3 nos grupos, e o 7 nas gerações. É um modo figurado de afirmar que, em Cristo, se cumpria o projeto divino de salvação. Isso é confirmado em Gl 4,4. O número 14 é também o resultado da soma do valor numérico das consoantes do nome de Davi, em hebraico. Filho de Davi é um dos títulos messiânicos.
- O primeiro período (1,2-6) – Compõe-se de 14 gerações e vai de Abraão, o pai da promessa até Davi, o rei escolhido. O segundo período (1,7-11) – Compõe-se de 14 gerações e vai de

Salomão até Jeconias (Exílio da Babilônia). O terceiro período (1,12-16) - Compõe-se de 14 gerações e vai de Jeconias até Cristo. A lista apresenta só treze nomes, a plenitude – catorze – vem com Cristo.

- Jeconias está na segunda e terceira lista porque a linha divisória é o Exílio da Babilônia e não a sua pessoa.

### **O NASCIMENTO DO EMANUEL (1,18-25)**

- O casamento, entre os judeus, tinha mais cunho familiar que pessoal, a saber, era mais decisão dos parentes que dos interessados, os noivos. Ordinariamente, porém, os filhos eram dados em casamento sem consulta prévia (Tb 6,13). Pela futura esposa o noivo pagava um preço estipulado, ou a trocava por mercadorias, ou prestava serviço ao futuro sogro (Gn 29,15ss).
- A arqueologia bíblica evidencia que a população de Nazaré era paupérrima. Era de poucas dezenas de famílias que viviam em grutas escavadas na rocha. José e Maria não eram exceção. Então, que teria José oferecido para ter Maria como esposa? O dinheiro não era tão corrente e o noivo era bastante pobre. Provavelmente prestou serviços ao sogro (São Joaquim).
- 1,18 -- Maria estava comprometida em casamento (noivado) com José. Ela teria de 12 para 13 anos e ele, pouco mais de 18. Maria e José teriam seus projetos de vida. Ele: o de constituir uma família numerosa. Maria, pela resposta dada ao anjo (em Lucas), teria outros projetos. Mas não era dona de si. Abandonou-se nos braços do Senhor (Lc 1,38). Após o contrato nupcial, José tinha 1 (um) ano para levá-la para a casa; diferentemente, perderia dinheiro e noiva.
- A resposta da Virgem ao anjo (Lc 1,34: não conheço homem algum) demonstra que ela alimentava, em seu coração, o propósito de manter-se virgem (durante o noivado). Estava prestes a ser conduzida a José e, com ele, viver como os demais casais. Estranhar a mensagem de que, brevemente conceberia, não é natural. Teria, no recôndito de seu coração, o propósito de manter-se virgem.
- José e Maria, tinham seus projetos pessoais, mas Deus entrou, extraordinariamente, na vida de ambos. A Virgem assumiu a vontade de Deus, abandonando-se em seus braços, mesmo sabendo do perigo que corria (Lv 22,23-24). Não se sabe quando e como José se inteirou do inevitável: Maria estava grávida e a criança não era dele. Ao menos aparentemente, sua noiva violara o compromisso conjugal.
- O Evangelista diz que José era justo (Mt 1,19). De modo geral, assim era considerado quem cumpria os preceitos da lei, os usos e os costumes judaicos. Justo é sinônimo de “santo”. Maria, prometida em casamento, estava grávida pela ação do Espírito Santo. O Evangelista apenas diz que ele pensou abandona-la em segredo. Nada de denúncia pública, condenatória. Ele que planejara ser pai de uma família numerosa, com Maria; a deixaria para que pudesse seguir o seu caminho (os caminhos traçados por Deus). Mas o Senhor interveio pedindo que deixasse o seu projeto pessoal e assumisse um outro. E ele acatou (Mt 1,20-25).
- As Escrituras evitam falar do Senhor agindo diretamente, nesta terra. Apresentam-no atuando por meio de mediadores: anjos, profetas, sonhos... Para José é o Anjo do Senhor quem se faz presente, em sonho, revelando seus desígnios. É-lhe recordado ser descendente de Davi. Foi-lhe pedido que não se assustasse ante os desígnios de Deus, e assumisse Maria e o Filho, como o projeto divino (Mt 1,22). Sem compreender em plenitude o mistério, acatou a tudo o que lhe era pedido: acolheu a Virgem, Jesus, o mistério de Deus.

- Mt 1,21-23: ao filho de Maria, José daria o nome de Jesus (“yehoshua” =Deus salva), pois Ele salvaria o povo do pecado. No pensar bíblico o nome, além de identificar a pessoa, também o direciona: mostra qual será o papel que desempenhará na história da salvação. Jesus é o Deus conosco (Emanuel) que nos salva. José daria o nome à criança. Dar o nome ao filho era uma missão importante do pai; tinha vários sentidos: profético = indicar a função do filho na história da salvação; posse = aceitá-lo como filho. Assim fazendo, José se tornou o pai legal de Jesus; não menos que um filho biológico.
- “José não a conhecia até ela deu à luz um filho...” (Mt 1,25). Como entender este “até que”? Mateus usa o verbo conhecer no sentido de intimidade conjugal. É vital observar que o verbo está no imperfeito e não no perfeito. Ambos se referem ao passado de quem fala. O perfeito é um “ato”: falou, amou. O imperfeito é um “estado”: falava, amava. Mateus usa o imperfeito. Se ele desejasse dizer que o casal não teve intimidade até o nascimento de Jesus (mas depois, teve) usaria o perfeito: “não conheceu”. Mas ele usou o imperfeito (continuidade). Com isso diz que o casal não conhecia até o nascimento de Jesus, e continuou, da mesma maneira, a seguir.

### A MISSÃO DO SALVADOR (2,1-18)

- A narração, mais que história é interpretação da história. Trata-se de uma história sagrada. Para passar ensinamentos teológicos, Mateus usa um recurso literário chamado midráshico, comum entre os judeus, mostrando que Jesus é superior a Moisés e que este está em função daquele.

<b>MOISÉS</b>	<b>JESUS</b>
<b>Amrão, pai de Moisés, sonha que seria pai do futuro libertador (antiga lenda judaica)</b>	José, pai legal de Jesus, sonha que deveria assumir o filho adotivo (Mt 1,20-21)
<b>Nasce no Egito (Ex 2,1ss)</b>	Recém-nascido é levado ao Egito (Mt 2,13-14)
<b>A casa onde nasce é iluminada por luz especial (antiga lenda judaica)</b>	A estrela guia dos magos paira sobre a casa onde estava o menino (Mt 2,9)
<b>O faraó é informado pelos magos da corte que nasceria o libertador dos judeus (antiga lenda judaica)</b>	Herodes é informado pelos magos que nasceria o rei dos judeus (Mt 2,2)
<b>Moisés é reconhecido como rei pelos magos do faraó (antiga lenda judaica)</b>	Jesus é reconhecido como rei, pelos magos (Mt 2,2)
<b>O faraó se perturba com o nascimento de Moisés (antiga lenda judaica)</b>	Herodes se perturba com a notícia dada pelos magos (Mt 2,2-3)
<b>O faraó consulta os seus magos (antiga lenda judaica)</b>	Herodes consulta os sumos sacerdotes e os escribas (Mt 2,4)
<b>Moisés deve morrer ao nascer, perseguido pelo faraó (Ex 1,15ss)</b>	Jesus deve morrer ao nascer, perseguido por Herodes (Mt 2,16)
<b>Crianças são mortas por ocasião do nascimento de Moisés (Ex 1,15ss)</b>	Crianças são mortas por ocasião do nascimento de Jesus (Mt 2,16ss)
<b>Moisés é salvo extraordinariamente (Ex 2,1ss)</b>	Jesus é salvo extraordinariamente (Mt 2,13ss)
<b>Por ordem divina, Moisés volta ao Egito levando a esposa e os filhos (Ex 4,19-20)</b>	Por ordem divina, José volta do Egito, levando Maria e Jesus (Mt 2,19-20)
<b>Moisés sai do Egito a caminho de Israel (Ex 13,17ss)</b>	José sai do Egito, com Jesus a caminho de Israel (Mt 2,20-21)

- Os magos representam o mundo dos gentios (=não judeus) que guiados pela estrela vem prestar homenagem ao rei dos judeus. É a revelação do Messias para o mundo inteiro. O Senhor se revela aos povos representados pelos Magos, os que procuravam as manifestações divinas no estudo dos astros, dos planetas. Estudiosos veem na estrela, referências a Num 24,17. A Sagrada Família está numa “casa”: assim convinha a um “rei”: Sl 72(71),10-15. Ouro = rei; incenso = sacerdote; mirra = profeta.
- A história da matança dos inocentes em Belém estabelece um paralelismo com a infância de Moisés. Jesus realiza a promessa do profeta Miqueias (Miq 5,2). A Desolação remete a situação do exílio da Babilônia (Jer 31,15). A partida para o Egito relembra ainda a história de Moisés que antes de sua missão é obrigado a fugir (Ex 2,15.16-22).
- A história confirma: Herodes era sanguinário. Subserviente aos romanos, tirano com os súditos. Ante suspeita de golpe eliminava quem quer que fosse: não poupou esposa, filhos, amigos. Não há documentos sobre o extermínio das crianças de Belém. Para Mateus, Herodes é a reedição do faraó e recorda o Profeta evocando o lamento das mães judias que choravam, quem a morte, quem o cativo de seus filhos conduzidos para Babilônia. Jr 31,15ss.
- Egito era um dos lugares procurados pelos judeus em tempos de penúria (Gn 42,1ss), de perseguições (1Rs 11,40). Teologicamente Mateus leva o Menino para lá em lugar de ocultá-lo na distante Nazaré. Era interessante levá-lo para o Egito e fazer um confronto entre Jesus e Moisés. Retorno da terra do faraó: novo êxodo e concretização de Oséias 11,1. As palavras do anjo em Mt 2,13 são de Ex 4,19. O presente e o passado se iluminam, na história da salvação.

### **JESUS DE NAZARÉ (2,19-23)**

- A volta do Egito mostra que Jesus inicia um novo êxodo. Jesus refaz a experiência de Israel a fim de inaugurar um novo êxodo (=redenção, salvação).
- Mateus não fornece dados sobre a estadia da Sagrada Família, no Egito. Morto Herodes, mais uma vez, pela mediação de anjo, Deus se manifesta a José que regressa para Israel. O objetivo do casal era a Judéia. Lá reinava Arquelau, o filho de Herodes o Grande, não tão hábil, mas mais tirano que o pai. Então José e Maria optaram por Nazaré, na Galiléia. Assim se cumpriria a profecia de Jz 13,3-7. Jesus: nazareno não só por crescer em Nazaré; mais por ser um “consagrado” a Deus, como sugere a palavra nazoraios (=consagrado).